

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

JOSÉ SARAMAGO NO CINEMA

17 de Novembro de 2022

ENSAIO SOBRE O TEATRO / 2006

um filme de RUI SIMÕES

Realização: Rui Simões *Imagem, Som:* José Manso, Jacinta Barros, Rui Simões, Ricardo Baptista *Montagem, Genérico:* Márcia Costa *Pós-produção vídeo:* Catherine Villert *Pós-produção áudio:* Shammi Pithia *Dramaturgia e encenação teatral da peça* Ensaio sobre a Cegueira, a partir do texto de José Saramago: João Brites (O Bando, 2004) *Composição musical:* Jorge Salgueiro *Espaço cénico:* Rui Francisco *Oralidade:* Teresa Lima *Figurinos:* Maria Matteucci *Adereços:* Clara Bento *Desenho de luz:* Cristina Piedade *Sonoplastia:* Sérgio Milhano *Mestra costureira:* Teresa Louro *Elenco do espectáculo:* Adelaide João, Ana Brandão, Antónia Terrinha, Gonçalo Amorim, Horácio Manuel, João Ricardo, Luís Godinho, Maria João Pereira, Martinho da Silva, Miguel Moreira, Mónica Garnel, Nicolas Brites, Paula Só, Pedro Gil, Raúl Atalaia, Rita Calçada, Romeu Costa, Sabri Lucas, Silvia Filipe e Dulce Silva, Rafael Freire *Depoimentos no filme:* José Saramago, Rui Francisco, Sérgio Milhano, etc.

Produção: Real Ficção (Portugal, 2006) *Direcção de produção:* Jacinta Barros *Primeira apresentação pública / primeira apresentação na Cinemateca:* 13 de Novembro de 2006 (“Ante-estreias”, numa versão de 99 minutos) *Cópia:* Real Ficção, ficheiro digital (a partir de original vídeo), cor, versão original em português e em inglês (um curto excerto legendado em português), 90 minutos.

NOTA Vamos apresentar *Ensaio sobre o Teatro* num ficheiro digital que parte do original vídeo, cujas características se mantêm visíveis em alguns momentos da projecção (por exemplo, “linhas” ou a marca das extremidades dos planos em alguns casos).

COM A PRESENÇA DE RUI SIMÕES

“Penso que não cegámos, penso que estamos cegos. / Cegos que vêem? / Cegos que vendo não vêem.” Lê-se como se ouve, numa espécie de remate. Começamos pelo fim, Rui Simões também começa começando, ou sugerindo começar, pelos momentos antes da estreia de *Ensaio sobre a Cegueira*, espectáculo levada à cena do Teatro Nacional São João, no Porto, a 6 de Maio de 2004, pelo Bando, no ano em que a companhia comemorava trinta anos de teatro. *Ensaio sobre o Teatro* principia com os actores em exercícios vocais nos camarins, o encenador atarefado com o protocolo de estreia, os convidados ilustres a chegarem ao teatro cumprindo o início do ritual dessa noite. O que se segue retrata as várias fases do projecto a partir do momento em que os actores o abraçam, fazendo parte da teia do filme a cronologia dos seus momentos-âncora: Viseu, Maio de 2003 (ensaios); Palmela, Novembro de 2003 (estágio); Porto, Março de 2004 (gravações Orquestra); Porto, Abril de 2004 (ensaios); Porto, Maio de 2004 (noite de estreia)... não necessariamente por esta ordem. A montagem circular – o que começa no Teatro Nacional São João acaba no Teatro Nacional São João na mesma noite de estreia – cruza tempos e lugares ensaiando o seu próprio objecto reflexivo, que conta com uns quantos depoimentos, entre os quais o do escritor, mas sobretudo atenta ao material filmado no longo curso da preparação da peça – uma exigente peça de três horas, vinte e dois actores em palco, nas contas em voz alta de João Brites (encontra-se na primeira versão do filme) numa sequência que dá a ver a angústia do encenador a oito, dez dias do momento da estreia.

Foi noutro Novembro, em 2006, que *Ensaio sobre o Teatro* teve a sua primeira projecção na Cinemateca. Em Lisboa, Rui Simões, João Brites e José Saramago reuniram-se celebrando o diálogo da literatura, do teatro e do cinema implícito no projecto do filme, germinado do espectáculo, por sua vez adaptado do romance. A ambição do filme lida com as três esferas criativas, distinguindo-se de um propósito de registo de bastidores. Embora em *Ensaio sobre o Teatro* haja mais teatro e mais texto em campo do que propriamente cinema, está pelo menos implícito o pequeno aparato da equipa de cinema nas jornadas de ensaios. Além disso, está no filme o rasto da sua presença (e a voz do realizador) em alguns planos de interacção directa com actores e técnicos, alertando para o trabalho simultâneo de dois colectivos (o do teatro, o do cinema) a partir da produção literária que os move.

Na nota de apresentação do espectáculo, O Bando formulava a teima em questionar o que não é evidente dizendo tomar “como ponto de partida a alegoria ‘fechar os olhos para ver melhor’” e assim “retomar a reflexão sobre a cegueira, não daqueles que estão privados do sentido da visão, mas dos que vendo, não enxergam”. Publicado em 1995, o livro de José Saramago, que a peça adapta, pusera leitores, pelo mundo fora, a digerir a história da epidemia de cegueira branca que alastra, feroz, numa cidade que vai sucumbindo ao contágio. Rui Simões não ficou imune e – escreveu ele na “folha” de sala dessa sessão de 2006 – imaginou adaptá-lo ao cinema antes de a sua miopia o trazer à realidade. A encenação do Bando terá sido uma oportunidade para voltar a esse lugar pela via do teatro:

“Ao fazer o *Ensaio sobre o Teatro* tentei mostrar as imagens dos lugares, mas também os caminhos para lá chegar. Aqui, o que nos interessa é o Teatro como arte performativa, transformada através da linguagem cinematográfica, criando um objecto novo, num outro espaço/tempo, o do Cinema. Não há explicações nem vozes *off* como bengalas para decifrar o Ensaio, seja ele o da Cegueira, seja ele o do Teatro. São os próprios materiais audiovisuais na sua riqueza que nos levarão a uma experiência onde o texto de José Saramago e a dramaturgia de João Brites se encontrarão com a música de Jorge Salgueiro, criando um novo objecto do qual me aproprio como realizador. Vale tudo, incluindo tirar olhos, sobretudo tirar olhos: é preciso deixar de ver primeiro para ver melhor depois. Foi esse o sistema operativo que José Saramago usou para escrever o *Ensaio sobre a Cegueira*, e foi esse o sistema operativo que O Bando usou para adaptar o *Ensaio sobre a Cegueira* ao espaço não convencional do Teatro Nacional São João no Porto. Foi este o sistema operativo que nos guiou na elaboração deste *Ensaio sobre o Teatro*.”

A experiência do colectivo, o trabalho, o “corpo a corpo” com um texto, com a encenação de uma peça e, mais de viés, com uma filmagem, conduzem *Ensaio sobre o Teatro* reenviando sempre para *Ensaio sobre a Cegueira* que nos anos que vivemos adquiriu novas e literais ressonâncias. Tão novas e tão literais quanto as da experiência de uma pandemia e de um confinamento globalizados a abrir a segunda década do segundo século d.C. Ou seja, que ainda à beira de cena parecem já uma realidade distante. De qualquer modo, é como se diz no livro, é como cita o plano do desfecho do filme, depois dos aplausos e agradecimentos por entre a bruma de teatro, “A cidade ainda ali estava.”

Maria João Madeira